

cahir um raio aos pés de Lutero, mas não será nunca sondar e muito menos *crear* uma vocação religiosa.

A vida religiosa é bella, é, mas sómente para os corações desprendidos do mundo ou d'elle desenganados.

E se o ha por ventura algum, verdadeiramente, sinceramente aos vinte annos?

Sr. P.^a Fura, a vida ecclesiastica não se abraça nunca d'ordinario, senão apoz um noviciado de 3, 5, 7 ou mais annos, dentro d'um seminario e ainda assim quantos enganados sobre vocação, não commettem homens experimentadissimos!

E s. reverencia resolve ahi n'um momento, baldado de toda a competencia sobre assumpto de tanto melindrel!

O sr. não pensa n'isto? e não se aterra com a ideia da sua enorme responsabilidade?

O facto de o proprio Christo se ter enganado na escolha de Judas, não deve ser motivo para V. R.^a se atirar assim á lã a mandar gente para os conventos.

Quantas, por vergonha de voltarem atraz, que não tendo bossa para a vida de verdadeiras religiosas, não levarão vida de hypocrisia, affectando felicidade, paz, santidade e trazendo no coração o luto, o remorso, a impiedade!

Depois, será pequeno o numero d'aquellas que abraçam a vida religiosa que V. R.^a lhes descreve inexatamente, só para se verem livres do trabalho e das necessidades materiaes com que luctam?

Serão então as casas religiosas comedoiros da ociosidade ou azilos de amparo?

Não. E as miseras que a sua negra sugestão, sr., para lá encaminha fiadas n'essa enganosa esperança, batem com as ventas no cedinho e ficam sendo d'ordinario umas infelizes que a disciplina e o acanhamento não deixam respirar.

Sr. Padre Fura, se a vida claustral é a unica vereda do eccu, porque a não abraça V. R.^a? porque não troca esta parochia onde tantos males o affligem, pela paz d'uma cella onde se guinde ao ultimo grau da perfeição moral?

Mas, se isto lhe parece menos glorioso e meritorio que converter almas, ha outra messe mais necessitada dos seus cuidados e fervores. Quer trabalhar?

A Africa, sr., muito apreciaria os seus serviços. Ha lá muitas almas destituidas da nivea tunica baptismal, que não conhecem o verdadeiro Deus, que nunca pronunciam o nome santissimo de Maria e a quem não podem

aproveitar os sagrados factos da redempção.

Depois talvez que aos seus proficuos trabalhos apostolicos sobreviesse a fulgida corôa do martyrio, que deve ser o supremo aneio de toda a sua vida.

Pense bem, sr., e d'estes dois bens prefira o melhor, que é aquelle que mais sacrificios lhe custar e que mais proveito accarrecte para a religião de que v. r.^a é ministro.

Mas rezolva-se sem mais delongas: o melhor caminho é o da Africa. Siga-o.

Olhe que isto de teimar a agarrar gente para conventos, pode metter alguém na cadeia.

E depois?

MARCELLO.

Espiga...

Colhen-a o distincto medico Lopes Fidalgo. Exactamente: mesmo na epocha propria em que costuma colhel-a o bom lisboeta.

Mas que magna espiga! Imaginem.

Nós fazendo-nos em o ultimo n.º echo d'um «diz-se» affirmamos que a *troupe* dramatica «Folle e Gaita» resolvera suicidar-se por se ver attingida pela desconsideração d'alguns individuos envolvidos na commissão executiva da Misericordia.

Quem eram elles?

Não o disseramos. Fosse o publico perguntal-o aos anjinhos.

Sua Ex.^a, porém, sentiu dor de cotovellos e, arvorando-se em paladino da *commissão*, que não fôra citada como responsavel, veio a publico lançar a agua fôra do seu capote, encharcando-o ainda mais. A's vezes ha defezas assim.

Nós com isso nada temos. Sua alma sua palma.

Mas—vamos á espiga—dizia então Sua Ex.^a que a *troupe* fôra tratada ás mil maravilhas, isto é, ninguém a melindrara nem tanto como a ponta d'uma unha.

A «Perola» julgou-se ferida na sua candidez juvenil que a levou a dar curso a um boato... falso!

Laçou em redor o olhar quasi velado de vergonha, observando-se era verdade que já a apontavam com o asco que naturalmente se tem por creaturas que andam (valha-nos Deus com tanto que!) a cochichar mexeriquices com *gente de levar e trazer*.

Ai! manal que susto!

Nunca o papão lhe causára tanto medo!

Sua Ex.^a o sr. dr. Domingos Lopes Fidalgo acabava de vibrar uma sacholada mortal á cabeça... dos seus bons creditos de amiga da verdade.

Mas, diziamos nós com os nos-

sos botões, elle que veio a publico sem ser chamado é porque o morden tarantula!

Diziamos nma rica coisa! Mas não estava mais na mão da nossa... eloquencia! e esperavamos por que tudo se aclarasse e nos d'esse razão.

E a nossa esperança não foi frustrada.

Ora nem mais. A *troupe* veio agora pôr tudo em pratos limpos. A «Perola» dissera, embora repetindo como o eco, duras verdades. A sua *gente de levar e trazer* era seria.

Não mentira. Infe'izmente: por duas razões, a saber 1.^a porque se evitaria com procedimento mais *correto* (mas não augmentado) um suicidio; 2.^a porque sua ex.^a não se veria agora a braços com a tremenda espiga de... se ver desmentido.

Mas... é fructa do tempo.

De resto (passe o *franciù* com fateota lusa) será bom que s. ex.^a se resigne e se conforme com as coisas; e para isso, para que s. ex.^a faça a bonita figura d'um d'aquelles celebres philosophos antigos que ostentavam a mesma cara de bronze na prospera ou adversa fortuna, deve fazer como nós (não desprese o figurino pela sua humildade. Nem só o que é grande e brilhante é bom para o seguirmos): levar as coisas a rir.

Rir *com siso* (com ou sem *calembourg*) para rir sempre bem, no principio e no fim.

A vida?... Lá diz o grande lyrico:

• A vida é o dia d'hoje
A vida é ai que mal sóa
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que vóia;
A vida é sonho tão leve
Que se desfuz como a neve
E como o fumo se esvai:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cahel

A vida é flôr na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrella cadente,
Voa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares
Uma apoz outra lançon,
A vida,—penna cahida
Da aza da ave ferida—
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou!

Oh! mas é tambem uma grande comedia!

A. Correia.

Decimo: Não cubicar as coisas alheias

Noite serena, tepida, luarenta. Nos ares um cheiro morno de tintas e polvora queimada.

Não era em vão que a canicula nos alvejara com os seus cinco dardos de luz, que o visinho mer-

ceneiro polia e invernisava moveis da sua industria e que se fallava em proezas nocturnas de ladrões.

Na pharmacia conversava animadamente um grupo de rapazes, a *élite* vareira no commercio, artes e letras.

As proezas dos larapios e as precauções fulminantes tomadas por um ou outro endinheirado e medroso, eram o assumpto da alegre conversação.

A um canto, apoiado com mão em garrao arco d'uma cadeira escutava n'uma attenção concentrada d'afflicto, o Armando, um excellento rapaz muito estimado, já constituindo familia e fortuna com os bons haveres herdados e com a ajuda do seu negocio, e que ao ouvir fallar de ladrões fazia a mesma figura, que satanaz, quando lhe leem um exorcismo: tremia como varas verdes!

Junto á porta, aberta para a rua, estava repimpado n'outra cadeira, o corpo do Silvestre com as pernas estendidas para a columna de luar que por ali dentro entrava, como a pedir-lhe refrigerio ao *frio* que fazia, enquanto que o seu espirito pascia pelas regiões floridas do Parnazo e se deliciava com as doçuras do Himeto.

—Olha o Silvestre a aquerer os pés ao luar!—casquinou um do grupo n'uma gargalhada de gosto, que todos secundaram de mãos na barriga. Aquella era de, primeirissima ordem!

Só Armando ficou serio e concentrado, como se aquella *descarga* quizesse dizer: «Armando, conta lá com os *freguezes* esta noite!»

Os freguezes eram os larapios.

N'isto fusila, como um relampago, esta ideia no cerebro d'um dos presentes: pregar uma partida ao bom do rapaz.

Como?

Inventar-lhe um assalto á casa, depois de ter ido lá subtrahir-lhe uns queijos e umas garrafas do fino, que Armando revelára pouco antes de ter recebido.

Communica a intenção ao ouvido do Flavio e tratam logo os dois do negocio. Não havia tempo a perder.

Escoam-se surrateiramente, impresentidamente do grupo, corre um aos *flamengos* e o outro a buscar a mona d'uma loja de fazendas.

Poem-n'a de espantinho no quintal do Armando, atam-lhe um fio comprido, que fica preso pela outra extremidade á varanda do saguão d'un predio visinho e volvem de novo ao grupo.

Estavam as coisas preparadas ás mil maravilhas. Já havia quem fizesse de ladrão. O rebate não se fez esperar.

Um merceeiro de ao pé, que acabava de fechar o seu estabelecimento e de dar uma vista para os fundos do quintal, veio revelar á pharmacia cheio de medo, que lhe parecia andar *gente nova* no quintal do sr. Armando.

Todos assomaram em silencio, cautelosos á varanda do quintal. Era verdade! Lá estava um ladrão!

Armando tremia, mas ao lembrar-se de que talvez já estivesse roubado, forra-se de coragem, sahe em busca d'um punhal, d'uma clavina, d'uma arma emfim com que alveje o atrevido larapio, e quando volta respirando lume, sequioso de sangue de ladrões vem encontrar, os rapazes *assustadissimos* á espera de que elle viesse matar... a mona!

O lance é indescritivel. Flavio agita levemente a mona por meio do cordel, lá da varanda contigua, para ondeo levouo medo.

—Lá se move! dizia Armando ancioso com o dedo a pular no guardamato da clavina.

—Atira! olha que elle raspa-se! — exoravam todos.

—Aquillo é signal. E' a chamar a sicial! Estamos perdidos, se elles veem todos!

O caso era serio. Armando não esperou mais. Aponta a espingarda e desfecha.

A mona puxada da varanda cahiu redonda.

Ficaram todos varados d'assombro!

—Ah! murmuraram estupefactos. —Matei-o! Estou perdido! clama-va a meia voz, em pranto, correndo d'um para outro lado, o Armando, afflicto, de mãos na cabeça.

—Ninguém o saberá. Ouviram rapazes? caluda! disse em surdina o dos queijos.

Mas aquillo sempre era morte d'homem e Armando estava inconsolavel.

—Vamos nós lançal-o ao rio? aventou Flavio ainda nosen posto. Assim nunca ninguém saberá onde lhe deram o tiro. Vamos?

—Prompto! concordaram todos. Armando deixou-os ir e esgueirou-se para casa com a alma estrangulada d'angustia.

Não poz olho durante a noite inteira. Não podia socegar.

La espreitar á varanda do saguão. Ninguém. Vinha collar o ouvido á fechadura da porta darua ao menor ruido. Ninguém. Só lá dentro, no seu intimo, a sua consciencia berrava com a estertorosa voz do remorso: assassino!

Depois, elle já tinha visto, não lhe faltava nada. As suas portas estavam intactas.

Matara sem motivo, sem razão!...

Esta ideia infernava-lhe a alma. Deitou-se. Não havia somno que o vencesse. Terrivel moite! Lá sobre a madrugada ouviu grande aruilde de passos e vozes.

—Será a justiça?!... E d'um salto abandona o leito e foi-se esconder na cava do predio.

Foi uma inspiração! Viu então que ali haviam entrado e roubado os queijos e o vinho!

—Ah! ladrão! querias roubar e não havias de morrer? Estás morto e bem morto!...

E subiu já sereno, já de bem

comsigo mesmo outra vez a escada e foi-se deitar, esperando tranquillamente por que rompesse o dia.

Amanheceu. Começou o bulicio na rua. Os ferrolhos dos estabelecimentos contiguos foram corridos acima e as portas abertas. Reboavam os pregões até ao terceiro andar. Tudo como d'antes. Nada de anormal.

Mas Armando não abria. Tinha até horror de que a noite houvesse terminado já.

Receava dar de chapa com algum magote de povo, lá adiante na margem do rio, ao pé do cadaver!

O Souza andava já inquieto. O homem sem apparecer! Teria feito alguma asneira? Sob a impressão domedo nada mais natural.

Approximou-se da porta e bateu.

Armando espreitou a tremer pela fechadura a ver quem estava. Reconheceu o visinho.

—Então que ha? o homem? perguntou abrindo.

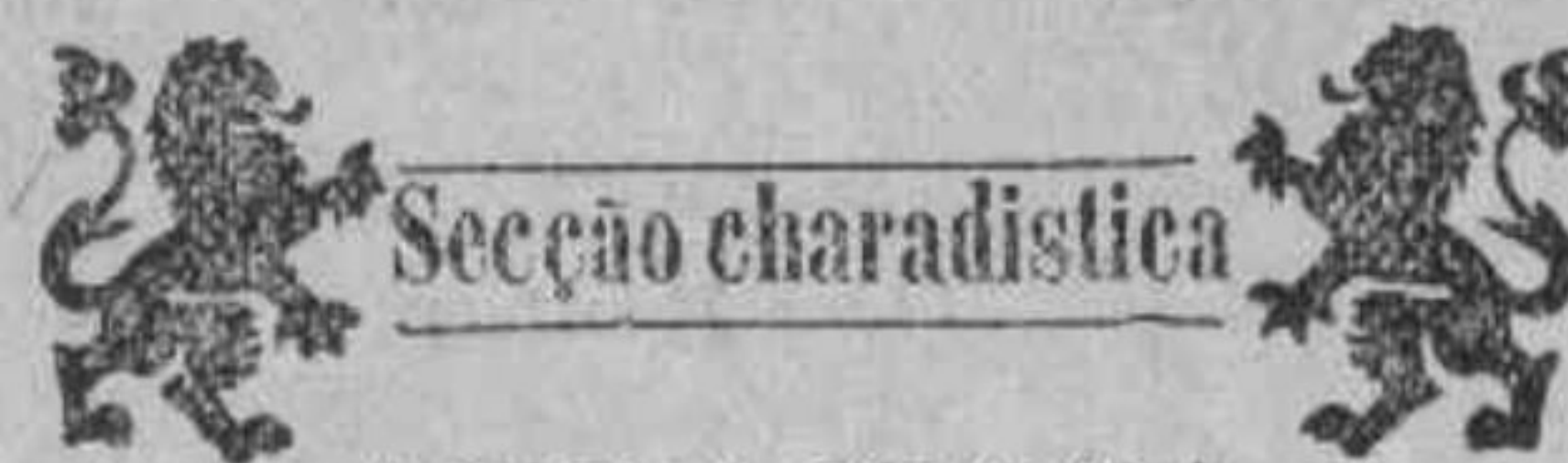
—Está lá embaixo morto com uma bala no coração!

—Oh! co'os diabos! Mas elle tambem me roubou os queijos e o vinho de que lhe fallei hontem...

—Ah!... —Commentou o Souza disfarçando uma sonora gargalhada. Guarde-nos Deus de cubiçar as coisas alheias, visinho!

Eis o premio de tão negro vicio! E o brejeiro regalado de as saborear com os outros na noite antecedente!

Eduardo.



Secção charadística

QUADRO D'HONRA



Arnobio

Estarreja

CONCURSO CHARADISTICO N.º 2

Fica aberto desde esta n.º o nosso 2.º concurso de charadas. No 1.º houve pouco entusiasmo entre os nossos presados collaboradores charadísticos, muitos—a maioria—dos quaes nem sequer se dignaram «tentar» habilitar-se a elle! Agora não será assim! Estamos certos de que todos hão de concorrer, despicar-se com alma, porque as condições não podem ser mais facéis. São ellas: remetter a esta redacção as decifrações com que poderem atinar, de 6 n.ºs consecutivos da «Perola» a contar d'este—dentro de 8 dias depois da sua publicação. Serão contadas como certas as decifrações que, embora não sejam as propostas pelo auctor das enygmas, lhes possam convir. Esta concessão não a fizemos a ninguém no 1.º concurso, o que deu azo a protestos d'alguns dos nossos collaboradores, nomeadamente dos ex.ªs srs. Arnaldo D. Silva e Republica. Procedendo hoje d'esta forma temos em mira evitar tamanho encommodo aos nossos estimados correspondentes. O premio que sortearmos entre aquelles que n'esses 6 numeros nos remetterem maior numero de decifrações será uma linda medalha d'ouro para corrente, de bastante valor real. Rompam lá o fogo, mas todos, com enthusiasmo!

Promettemos uma surpresa ao vencedor.

Decifrações do n.º anterior:

N.ºs: 1. A Perola; 2. Perola; 3. Mara, apar, rata e arat; 4. disparatado; 5. azafama; 6. recato; 7. campanula; 8. apostola; 9. acoria; 10. carusma; 11. Elaterio; 12. Lucia-Lima; 13. parabola; 14. papa tabaco; 15. alferce alce; 16. avaliab. bailava; 17. aga; 18 Zebu; 19.

Sympathia

A' inclita Esmeralda

Sympathia?!—Vou dizer-t'o, mas emfim, o que direi? Definir uma attracção é difficil, bem no sei...

Eu creio-a um sentimento que nasce d'um só olhar e que ás vezes, n'um momento se transforma em terno amar!

E' então um mixto enleio d'alegria e soffrimento de formoso devaneio

que a vida nos faz sorrir!... Sympathia é um sentimento d'esperançoso porvir!...

Ovar, 21—5—909.

De Parma.

Abacatear; 20. Aponta; 21. Rota, ruto 22. Adelia-delia; 23. Rua do Bellomonte.

Decifradores:

Arnobio os n.ºs: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22 e 23. Total 16—Arnaldo D. Silva os n.ºs: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22 e 23. Total 15—Dr. Misterio os n.ºs: 2, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 16, 17 e 23. Total.

1 Charada em verso

(Ao meu amigo João da Cidade)

No almanak Luzo-Brazileiro, Dentro do qual muita coisa vem, 2 E que d'entre todos é o primeiro, Traz es mezes que o anno tem.

A forma é um tanto sabida, Mas que não deixa de ter graça, Pois que a quadra é conhecida Mas por nova sempre passa.

Trinta dias tem Novembro, 1 Abril, Junho e Setembro, Vinte e oito só tem um E todos mais trinta e um.

Dizem os saragoçanos Nos seus velhos alfarrabios, Que muito antes dos sabios, Terem estudado nos arcanos.

Da sciencia astrológica, As voltas que o mundo dava; Já o mundo na velha logica D'uma farça não passava.

Odeveza.

2 Adverbio é o meu nome 1 De barro sou construido 2 Hoje sou tão despresado Como outr'ora fui querido.

Sensitiva.

Combinada por letras

3 1.ª * xi—arvore 2.ª * epto—desafio 3.ª * utriz—ama 4.ª * bacateiro—arvore

Vaso

Hermogenes

Por syllabas

Ao grande Pinheiro

4 1. * dro—homem 2. * que—homem 3. * mas—terra portugueze

Jornal

Parreirinha.

Logogripho por letras

Em retribuição ao illustre Parreirinha

Exhala suave aroma 7 4 9 2 4 Esta planta tão bella, 8 9 1 Mas cansou uma doença 6 8 5 2 8 Vejam lá que tal é ella! 3 10

Sem o conceito, amigo, não vivias, eu t'o digo.

Rei Ne gro

A Perola

Em phraze	tima letra, n'uma freguezia de Reguengo de Fetal. 2	manchas pretas. 2	Biformes
A Luvero		<i>Barbas de Bagaço.</i> 22	O genis canta a canção 2
6 Sem ordem da auctoridade não se pôde tirar o peixe do rio, nem cortar um galho d'uma arvore 2 2	<i>Dr. Misterio.</i>	—*—	—*—
—*—	13 Uma pá de ferro cheia de cevada 2	18 Do capuz vamos á margem do campo 3	23 Muito pouca pressa tem quem vae para a cadeia 4
<i>Odeveza.</i>	<i>Joteba</i>	<i>Arnobio</i>	<i>Carcosmor</i>
7 O crime quando desacompanhado tornar-se ainda mais infame 4 5	<i>Africo novissimas</i>	<i>Truncada</i>	<i>Invertida por letras</i>
—*—	14 Apressei-me de encontro a uma esparrella, julgando encontrar a palmeira 2 2	Em retribuição á distincta Fany	24 Archipelago da Oceania 4
8 A bebedice na Philadelphia é á systhema de Linneo 2 3	—*—	19 No inverno ha um montão de cousas 2	<i>Tei Pum.</i>
<i>Republica.</i>	15 Quem reveste os assobios é um mesquinho, 2 2	<i>Joteba</i>	<i>Enygma</i>
—*—	<i>E. de Souza.</i>	20 Povo Nomada 3	25 1 1/2 corpo
9 N'um terremoto que houve ha pouco, encontrei uma medida para medir a intensidade das oscillações 2 2	<i>Augmentativas</i>	<i>Electrica</i>	<i>Rel Pum.</i>
<i>Dr. Misterio</i>	16 Esta moeda é uma moeda que vale 24.000 reis 2	<i>Jô Fêra.</i>	<i>Alfaiate</i>
10 Na Italia a planta é do peixe-2 3	17 No espaço d'estas arvores esta um cavallo russo betado de	<i>Apheresada</i>	Manoel d'Oliveira Paulino participa aos seus estimaveis freguezes e ao publico que mudou para a rua das Figueiras (em frente a S. Lourenço).
11 O animal do forte é do vazo 2 1		21 Ao cavallo que tem um ou ambos os olhos brancos Juno coumetteu a guarda da vacca Io que Jupiter idolatrava 2	
<i>Porquinho</i>		<i>Arnobio</i>	
<i>Paronyma</i>			
12 Ao diabo, carregaram-lhe na ul-			

Nova loja de fazendas

DE MANOEL ALVES CORREIA

OVAR

N'este novo estabelecimento encontrará o publico um variado sortido de fazendas, laes como:

Pannos crús, riscados, pannos patentes, morins, o que ha de melhor, ultima novidade m flannels d'algodão, sephires setinetas, o que ha de mais chics: Cobertores d'algodão, guardasoes para homem e senhora, de fina sêda e alpaca, bengalas (novidade). Um saldo de phantazias ou castelletas e bem assim um grande sortido para a estação de verão em cazemiras e chevio es para factos d'homem, colletes de phanta ia, etc., etc.

Tudo por preços baratissimos!

MACHINAS DE COSTURA

As machinas de costura «Original» de *Frister Rossmann*, rivalisam com todas as outras. Ha ambem machinas *SINGER* e accessorios para as mesmas, a preços muito resumidos.

Unico depositario em Ovar—*Americo Peixoto*

Concertos gratis a todas as machinas compradas n'esta casa

Machinas de costura

As machinas de costura de original *Ideal*, são as melhores; tanto para coser, como para bordar.

Estas machinas são as mais distinctas que se fabrico na America.

Unico depositario em Ovar.

Ludgero Peixoto



Officina de calçado

de
Manoel Rosas
Travessa da Fonte—Ovar

Officina de Carpintaria e Marcenaria

de

José Rodrigues Faneco

Rua dos Ferradores—Ovar

A PEROLA

Jornal litterario—quinzenal

Anno 4

Quintã feira 27 de Maio de 1909

N.º (29)-9

Snr.